



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
CAMPUS DE LARANJEIRAS**

LUIZ TADEU SANTOS DELFINO

**TEMPO SEM MEMÓRIA - HISTÓRIA SEM TEMPO: ANÁLISE DO PROCESSO
SÓCIO-HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO DE UM LUGAR CHAMADO REMANSO**

LARANJEIRAS - SE

2023

LUIZ TADEU SANTOS DELFINO

**TEMPO SEM MEMÓRIA - HISTÓRIA SEM TEMPO: ANÁLISE DO PROCESSO
SÓCIO-HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO DE UM LUGAR CHAMADO REMANSO**

TCC apresentado ao curso de Bacharelado em Arqueologia do departamento em Arqueologia da Universidade federal de Sergipe, campus em Laranjeiras/SE, como requisito parcial à obtenção de grau de Bacharelado em Arqueologia.

LARANJEIRAS-SE

2023

LUIZ TADEU SANTOS DELFINO

**TEMPO SEM MEMÓRIA - HISTÓRIA SEM TEMPO: ANÁLISE DO PROCESSO
SÓCIO-HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO DE UM LUGAR CHAMADO REMANSO**

Monografia entregue como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em
Arqueologia, a comissão julgadora da Universidade Federal de Sergipe

Aprovada em __/__/__

Banca Examinadora

Orientador – Albérico Nogueira Queiroz

Examinadora 1 -Verônica Maria Meneses Nunes

Examinadora 2 – Olivia Alexandre Carvalho

Nenhum povo, que deseja mostra-se ao mundo como nacionalidade conheça e é capaz de todos os sacrifícios pela própria conservação, pode dispersar impunemente os documentos de sua história ao validar os fatos mais notáveis de sua vida ou desdenhar os encantos das suas tradições.

As lutas travadas pela conquista da liberdade e os sacrifícios consumados do patrimônio devem serem divulgados de geração a geração para que esta se consagre ao culto dos heróis e mártires que cimentaram, com argamassa feita do próprio sangue a base da grandeza moral de sua pátria, e para revigorar com estímulo do exemplo, a coragem e nas virtudes cívicas dos cidadãos.

É um dever cívico rendermos culto aos documentos que relatam a história do nosso passado. Só um povo que tenha chegado a um alto grau de cultura, sabe construir monumento que resistam ao embate dos séculos, usar um idioma, possuir uma cultura de espírito especial, e, enfim, chegar a ter interesse e a sentir a utilidade em conservar os documentos do seu próprio passado.

Eduardo Meyer (1920).

Agradeço a toda minha família, amigos, colegas de trabalho, a paciência por estar ausente por muitos anos, me dedicando a essa profissão. E aos professores e colegas de cursos por me suportar juntos neste desafio que tanto amo.

Dedico esse trabalho a minha madrinha Zúlvia, que quando pequeno me levou no seu lixo partícula no fundo do quintal e perguntou se aquela garrafa gré se servia pra mim já que eu gostava de coisas velhas. Ceifaram a vida dela com uma faca cravada no peito, local que ela separou para guardar quem ela ama. A todos!

RESUMO

O processo de ocupação do nordeste brasileiro, sobretudo, a área litorânea foi em sua maior parte colonizada por fazendeiros de gado ou de cana de açúcar, como o foi o caso do atual município de Siriri no Estado de Sergipe, que como muitas cidades deste estado que foi uma das 14 capitâneas hereditárias, passou por muitas mudanças desde sua fundação até os dias contemporâneos. Nesse contexto, esta pesquisa pretende trazer compreensão e disseminação da importância de manter e/ou resgatar as histórias e as memórias de um povo. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa desenvolvida no município de Siriri/SE, ao que se refere aos procedimentos metodológicos, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e fichamento como forma de facilitar a produção textual. Desse modo, foi necessária ainda a realização de Pesquisa de campo no município de Siriri/Se. Diante do exposto, foi possível observar que as memórias e culturas da população da cidade de Siriri/SE não estão sendo preservadas. No que se refere à preocupação das novas gerações com a perda das memórias e da cultura do seu povo, evidenciou-se através dos relatos sobre o engenho de Piripiri feitos pelos anciões, que estes valorizaram e tentam manter a herança cultural advinda da localidade, prova disso é a escola e a permanência em fazendas que eles trabalhavam quando mais jovens. Entretanto, pouco se sabe sobre esse engenho e sua história.

Palavras-chave: Memória, Siriri, Herança Arqueológica.

ABSTRACT

The process of occupation of the Brazilian Northeast, especially the coastal area, was mostly colonized by cattle or sugar cane farmers, as was the case of the current municipality of Siriri in the State of Sergipe, which, like many cities in this state, which was one of the 14 hereditary captaincies, has undergone many changes since its founding to the present day. In this context, this research aims to bring understanding and dissemination of the importance of maintaining and/or rescuing the stories and memories of a people. This is a qualitative research developed in the municipality of Siriri/SE, with regard to methodological procedures, a bibliographical research and filing were carried out as a way to facilitate the textual production. Thus, it was still necessary to carry out field research in the municipality of Siriri/Se. Given the above, it was possible to observe that the memories and cultures of the population of the city of Siriri/SE are not being preserved. With regard to the concern of the new generations with the loss of memories and the culture of their people, it was evidenced through the reports about the Piripiri mill made by the elders, that they valued and try to maintain the cultural heritage coming from the locality, proof of this is school and staying on farms where they worked when they were younger. However, little is known about this mill and its history.

Keywords: Memory, Siriri, Archaeological Heritage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Madrinha Zúlvia no dia que chegou de São Paulo para cuidar da mãe	19
Figura 2 - Tia Benvinda, tio José e tia Tide, em seu sítio adquirido na década de 40 ...	19
Figura 3 - Feira da cidade de Siriri-SE na década de 60	20
Figura 4 – Moradores da Cidade de Siriri- SE na década de 60	20
Figura 5 - Mapa do estado de Sergipe e Mapa do leste Sergipano	29
Figura 6 - Mapa do estado de Sergipe, com destaque para a cidade de Siriri	29
Figura 7 – Mapa de Siriri	30
Figura 8 - Mapa antigo de Siriri	30
Figura 9 - Praça do comércio	32
Figura 10- Rua de Maroim	33
Figura 11– Mercado municipal	33
Figura 12 - Igreja Matriz	34
Figura 13 - João Gomes do Prado	34
Figura 14 – Visão geral da Usina Matta Verde do Cel. Joao Gomes do Prado	35
Figura 15 -	
Figura 16 - Mapa Industrial e Agrícola de Siriri/SE Colonial	39
Figura 17 - Engenho Piriri	40
Figura 18 - Croqui do engenho piripiri	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PROBLEMATIZAÇÃO	12
3 OBJETIVOS	13
3.1 Objetivo Geral.....	13
3.2 Objetivos Específicos	13
4 METODOLOGIA.....	14
5 RESULTADO E DISCUSSÃO	15
5.1 AMBIGUIDADES NA COMPREENSÃO SOBRE O CONCEITO DE HISTÓRIA E MEMÓRIAS.....	15
5.2 MEMÓRIAS DA CIDADE	17
5.3 - SIRIRY-1900 A 1930.....	20
5.4 TERRITÓRIO DE SIRIRI	28
5.4 HISTÓRIA DE SIRIRI	31
5.5 ENGENHOS, USINAS, FAZENDAS E ROÇAS EM SIRIRI-SE.....	36
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	44
ANEXOS.....	45

1 INTRODUÇÃO

Para definir a região nordeste do país, é preciso levar em consideração os aspectos idiossincráticos, políticos e sócio-históricos que levaram a demarcação das fronteiras e territórios, que vão para além das simples delimitações geográficas e ambientais, desta forma é necessário analisar a estudar a memória e história por trás das unidades geográfico paisagística bem como seu processo de ocupação (ETCHEVARNE, 1999).

Sendo assim o processo de ocupação do nordeste brasileiro, sobretudo, a área litorânea foi em sua maior parte colonizada por fazendeiros de gado ou de cana de açúcar, como o foi o caso do atual município de Siriri no Estado de Sergipe, que como muitas cidades deste estado que foi uma das 14 capitânicas hereditárias, passou por muitas mudanças desde sua fundação até os dias contemporâneos.

Em virtude da presença de muitos engenhos em seu território, este município guarda muitas memórias do passado as quais revelam a história de quem fundou essa cidade. Devido às modificações que esta cidade passou no que se refere ao processo produtivo e econômico.

Nessa perspectiva, ao falar sobre o processo histórico e cultural da cidade de Siriri/SE, tentando analisar suas transformações, resgatar as memórias e a simbologia daquele local, como a igreja matriz, os clubes de festas que animavam a vida da população siririense, também é falar sobre o apreço que a população tem por sua cidade, tanto a antiga como a nova.

Nesse contexto, esta pesquisa poderá servir de subsídios aos profissionais de diversas áreas do conhecimento, como de áreas afins na compreensão e disseminação da importância de manter e/ou resgatar as histórias e as memórias de um povo. Nessa perspectiva, o tema em debate é importante, pois, nos alerta para uma problemática antiga, porém, atual, que é a questão da preservação das memórias dos lugares.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

Quando se fala sobre cidade, constrói e se desconstrói imagens, as quais nos vêm à memória quando são acionadas por nós, desse modo, Calvino (1990), ao descrever as cidades, apresenta-nos diferentes urbes que são desenhadas em nossa memória, algumas visíveis, outras, invisíveis ao nosso olhar. Nas últimas décadas, as mudanças epistemológicas no estudo da História têm possibilitado um aumento considerável nos trabalhos sobre cidade, um dos campos temáticos da História cultural, pois “já existe uma ampla produção acumulada sobre cidade, particularmente no que diz respeito a uma abordagem econômico-social” (PESAVENTO, 2004, p.77). Este fato tem possibilitado diferentes abordagens sobre cidade nas mais diversas áreas do conhecimento, em especial a das ciências humanas.

Assim, sabemos que a cidade de Siriri/SE, passou por inúmeras transformações ao longo do tempo, diante do exposto surge os seguintes a problemática: as memórias e culturas da população da cidade de Siriri/SE estão sendo preservadas? As novas gerações se preocupam com a perda das memórias e da cultura do seu povo? Os engenhos estão sendo conservados?

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Analisar as principais transformações sócio-históricas e Arqueológicas ocorridas na cidade de Siriri/SE, a partir da instalação dos engenhos.

3.2 Objetivos Específicos

- Discorrer sobre as formas de ocupação do município de Siriri.
- Verificar transformações sócio-históricas ocorridas na cidade de Siriri/SE, a partir da instalação dos engenhos.
- Identificar os principais símbolos da cultura local vivenciada e desenvolvida em Siriri
- Construir uma linha de intervenção arqueológica através do engenho Piripiri, como referência para outras pesquisas.

4 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa tendo em vista que esse tipo de abordagem permite um conhecimento amplo do fenômeno estudado. Quanto ao recorte empírico, a pesquisa desenvolveu-se no município de Siriri/SE, a escolha desse recorte deve-se ao fato deste ser um município no qual há fortes registro da história e da cultura do Estado de Sergipe

Ao que se refere aos procedimentos metodológicos utilizados, neste estudo realizou-se uma pesquisa bibliográfica e fichamento dos mesmos como forma de facilitar a produção textual. Desse modo, foi necessária ainda a realização de Pesquisa de campo no município de Siriri/Se

Para que esta etapa ocorresse de maneira produtiva, foi preciso seguir um roteiro com formulações prévia e sistematicamente planejada, as quais foram devidamente registradas em cadernetas de anotações, além disso um registro fotográfico foi realizado, pois, como destaca Sotang, (2004) através da fotografia pode-se captar determinado fato ou realidade existente.

Quanto à apresentação dos dados coletados em campo estes foram dispostos em gráficos e tabelas para uma melhor visualização análise e elaboração do relatório assim, a análise dos discursos dos sujeitos foi realizada à luz do referencial teórico que dará o suporte ao estudo. Assim, considera-se que esses materiais serão pertinentes para leituras que versem sobre o Brasil e outras cidades, visto é necessário entender o processo ocorrido em outros lugares.

A pesquisa de campo, cujo objetivo foi o levantamento de documentos que possam auxiliar na tessitura do trabalho, também é importante. A ênfase recai sobre o uso da metodologia da história oral, pois serão realizadas entrevistas com antigos moradores da cidade de Siriri, de modo que possa contribuir na reconstrução das memórias.

5 RESULTADO E DISCUSSÃO

5.1 AMBIGUIDADES NA COMPREENSÃO SOBRE O CONCEITO DE HISTÓRIA E MEMÓRIAS

Os estudos acerca da concepção de memória, estão muito relacionados com a ideia de história, no entanto deve-se atentar para o fato de que memória e história não são sinônimas, e por isso é sempre pertinente apontar conceitualmente cada um deste, apresentando o que há de comum gerando assim, tanta ambiguidade e os pontos de afastamento entre os conceitos.

Nesse contexto, Barros (2009, p.37) afirma que:

[...] de modo a superar a inadmissível avaliação da memória como mero depósito de dados e de informações relativas à coletividade ou à vida individual, devemos pensar na Memória como instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isto assegura a permanência de grupos. Memória, portanto, já não pode mais nos dias de hoje ser associada metaforicamente a um “espaço inerte” no qual se depositam lembranças, devendo ser antes compreendida como “território”, como espaço vivo, político e simbólico no qual se lida de maneira dinâmica e criativa com as lembranças e com os esquecimentos que reinstituem o Ser Social a cada instante

Conforme, o fragmento acima, nota-se uma clara definição sobre o papel da memória, apontando que esta não deve ser compreendida como sendo um elemento acessório e sim, que a memória se constitui em uma categoria analítica pela qual pode-se compreender inúmeros processos histórico-social.

Desse modo, pode-se afirmar que a memória, é dinâmica e que tem uma forte representatividade no entendimento e no modo de se posicionar nas relações sociais, assim, a memória se constitui em um modo de olhar os fatos e vivências de modo coletivo ou individual, segundo as particularidades e isso torna a memória de suma importante para as discussões históricas, o que possibilita nesse contexto, rememorar de modo diferenciado cada fato.

Assim, a discussão sobre a importância de se ter uma definição conceitual acerca da memória se faz indispensável para as produções e análises sobre cidade, pois, segundo Abreu (1998), compreender a construção e formas de representação que as cidades possuem tem-se primeiro que compreender o que é memória seja ela coletiva ou individual, pois, é a memória que possibilitará a materialidade histórica de anacrônico como coloca Deleuze, (1988, p. 113):

Memória é o verdadeiro nome da relação consigo, ou do afeto de si por si. Segundo Kant, o tempo era a forma pela qual o espírito se afetava a si mesmo, assim como o

espaço era a forma pela qual o espírito era afetado por outra coisa: o tempo era então “auto-afecção”, constituindo a estrutura essencial da subjetividade, mas o tempo como sujeito, ou melhor, subjetivação, chama-se memória. Não está “curta memória” que duplica o presente, que reduplica o lado de fora e que não se distingue do esquecimento, pois ela é ela própria e é sempre esquecida para se refazer sua dobra (pli), com (repli), porque este permanece presente naquela como aquilo que é dobrado. Só o esquecimento (desdobramento, dépli) encontra aquilo que está dobrado na memória (na própria dobra).

Desse modo, ao analisar a citação acima, percebe-se que a memória é um fator fundamental para entender essa dialética que ocorre no interior do indivíduo para a partir daí ocorrer a memória coletiva, ressaltando que, assim sua dinamicidade e vai e vem constante no imaginário, produzindo, e retratando fatos que lhes são significativos que atribui sentido e significância. Nessa perspectiva, pode-se inferir que a memória é justamente o que sustenta todo o processo de subjetivação humana e nesse ponto é mais complexa que a história, pois ela por ser subjetiva a memória também se constitui em seletividade, haja vista que cada um dará destaque ao mais lhe toca/comove.

Como já mencionado no início desse texto, memória e história não são sinônimos e nem tem o mesmo processo de formação, portanto, deve-se compreender história como sendo os registros, os registos e as materialidades de uma sociedade.

Assim, há autores que afirmam categoricamente que história e memória se constituem em polos extremos, acerca desse distanciamento entre os conceitos Abreu (1998, p. 87) afirma que: “Há diferenças fundamentais entre memória e história. A memória seja ela coletiva ou individual, é sempre coletiva: só lembramos daquilo que queremos lembrar”. Como pode-se observar o autor tece uma crítica ao uso da memória como fonte primária de pesquisa, destacando assim, que essa categoria se torna vulnerável e facilmente questionável, pois, para esse autor o modo mais seguro de analisar os fatos seja através da história e aí aponta algumas vantagens em sua concepção de se usar a história e não a memória com a seguir.

As vantagens da história sobre a memória são inúmeras. A primeira delas é que ao contrário da memória, a história tem que buscar a verdade. Trata-se de operação intelectual e laicizante, que segue um método científico, e que é posta à prova continuamente. Por isso a história está continuamente. Por isto, a história está sempre sendo reconstruída, reinterpretada, e é isto que permite que as falsas interpretações feitas em seu nome sejam detectadas e denunciadas. A história é reflexão, registro, distanciamento, problematização, crítica reflexão (ABREU, 1998, p. 87)

Ao analisar a citação acima, nota-se claramente qual é a percepção de Abreu acerca do papel e importância da história sobre a memória, no entanto, cabe ressaltar que em nosso ponto

de vista ambas são importantes, e, discordando parcialmente de Abreu, acreditamos que a reconstrução e reinterpretação que a história tanto valoriza só é possível porque o processo de análise racional baseado em registro vem acompanhada de também por elementos de subjetividade que estão na memória de quem os fez.

Porém, esse autor segue convicto de que a melhor maneira de se conhecer algo é através do método histórico e afirma que:

A segunda vantagem da história sobre a memória é que a primeira está sempre recuperando e reavaliando os referentes que contextualizam a segunda. E faz isto exatamente para poder relativizar as memórias. Em outras palavras, a história está sempre pondo em xeque as memórias. Ao contrário da memória, a história precisa dar conta do que foi esquecido (ABREU, 1998, p. 87).

Como o autor deixa claro a história se sustenta através das bases da memória, mesmo que seja, questionando-a, no entanto, o autor se contradiz quando afirma, que a história precisa dar conta do que foi esquecido, porém, cabe ressaltar, que as memórias não esquecidas são selecionadas. Desse modo, nota-se a contradições que há entre as visões desse autor sobre a memória e a história. Porém, entendemos que essa dicotomia e em alguns momentos ambiguidade ocorre pelo fato, de que ambas têm como elemento formador o tempo.

Nesse contexto de discussão conceitual, um ponto de convergência entre ambos é a (i)materialidade que existe quando estas versões sobre a cidade ou sobre as memórias destas, promovendo desse modo, a vivência de histórias e memórias e suas modificações na paisagem.

5.2 MEMÓRIAS DA CIDADE

Ao se discutir sobre as memórias da cidade um elemento muito importante que contribui significativamente para seu entendimento é a ideia de paisagem a qual é retratada pelos indivíduos estando assim, muito relacionado as vivências e conseqüentemente as memórias, mas também a história, pois está se materializa na produção humana ao longo do tempo.

Dessa forma, essa materialização é facilmente visualizada nas cidades, pois através dos processos de desenvolvimento vão acumulando diversos momentos que também se constituem em memórias. Assim, elas devem ser compreendidas em uma dimensão singular de materialidade na paisagem, preservando memória, no cotidiano dos lugares, não é de se estranhar, então, que seja ele que vem dando o suporte mais sólido a essa procura de diferença.

Desse modo, deve-se entender por paisagem na perspectiva de Ferreira (2001, p.509), é “espaço de terreno que se abrange num lance de vista”, ou seja, ela é vista aos olhos. Mas as memórias dessas paisagens podem ser resgatadas pela nossa memória, quando essa se perde com o passar do tempo com suas dimensões. Segundo Abreu (1998, p. 89):

Fala-se hoje muito em “memória urbana”, mas o que se quer denominar com esse termo é, inevitavelmente, o passado de uma determinada cidade. Seria mais correto nesse sentido, falar de “memória da cidade”, mas isto também seria enganoso pois a cidade não pode lembrar-se de nada. Quem lembra são as pessoas que nela vivem ou viveram

Ao analisar o fragmento acima nota-se que quando o autor se refere a cidade pode-se inferir que o mesmo fala sobre a paisagem que esta revela, demonstrando que com o passar do tempo, com o crescimento das cidades, e com o surgimento de novas, há uma alteração desta, mas podemos resgatá-las através de fatos narrados individuais ou coletivos, de documentos e fotos, entre outros.

Portanto, nesse contexto, a memória é importante porque é através desta que reconhecemos os espaços e as vivências que compõem uma paisagem, são fatos basicamente armazenados na memória das pessoas que conviveram em um determinado local para podê-los depois marrá-los.

Assim, ao tratar sobre esse assunto deve-se ter em mente que tudo isso estar envolto em uma simbologia e signos que ao serem analisados revelam a identidade coletiva da cidade desse modo, MacDowell (1996, p.159):

Abrangendo desde as análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes até estudos do significado das paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões. Seu foco inclui a investigação da cultura material, costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas.

Nesse sentido a memória a paisagem e a história estão relacionados, contudo aquilo que foi importante no passado e que hoje no presente é lembrando por pessoas de uma determinada localidade seja por sua representação cultural, pelo simbolismo que um município representou em determinado período ou até mesmo pelas simbologias artísticas de um determinado recorte espacial.

O processo histórico está interligado com o nosso passado, porque e através deste que vamos entender as relações sociais, culturais, regionais e nacionais de uma determinada sociedade, e a importância que as cidades exercem sobre a vida das pessoas. Nesses aspectos faz-se necessário estudar como esse processo ocorreu no município de Siriri/Se. As figuras 1,

2, 3 e 4 expõe fragmentos da memória desta cidade, sob a perspectiva de fotografias de uma família que foram tiradas na década de 40, 50 e 60.

Figura 1 - Madrinha Zúlvia no dia que chegou de São Paulo para cuidar da mãe



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 2 - Tia Benvinda, tio José e tia Tide, em seu sítio adquirido na década de 40.



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 3 - Feira da cidade de Siriri-SE na década de 60



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 4 – Moradores da Cidade de Siriri- SE na década de 60



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

5.3 - SIRIRI-1900 A 1930

Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) - 1891 a 1940. Município pertencente à comarca de Capela. Existem 6 destilações, 3 olarias, 33 engenhos, sendo 13 a motores a vapores e 20 a tração animal. O município é agrícola e criadores com

6000 habitantes e de 1900 a 1913 tinham 175 eleitores, de 1914 a 1930 possuíam 240 eleitores, com 7500 habitantes.

A administração municipal é formada pelo Intendente municipal Cel. Francisco Vieira Barros (1909) - José Joaquim Barbosa (1914), e pelos Vereadores José Antônio Passo; (1909); Olympio Baptistas de Almeida. (1909); Joaquim Soares de Mello (1909).

O Conselho, por sua vez, é formado pelo Presidente Pedro Vieira de Andrade; Vice-Presidente: Antônio Bispo de Lisboa e Conselheiros: Germiniano Agrippino de Carvalho; José Cardoso de Souza; Manoel Roiz de Lima.

Secretário: Odilon Mendonça; Amanuense: José Joaquim Santos Tiúba. Procurador: Francisco Tiúba. - Fiscal: Joaquim Dias Mattos. Porteiro: Francisco Baptista de Sant'Anna.

A Administração Judiciária é formada pelo Juiz federal:

- José Mendonça Sobrinho.
- Pedro Vieira de Mello.
- Francisco Vianna Barbosa.

Adjunto do Procurador da República: José Joaquim dos Santos Tiúba.

Suplente do juiz municipal:

- Cicero de Menezes Barreto;
- José Cardoso de Souza;
- José Francisco de Porto.

Juiz de Paz:

- 1º José Joaquim dos Santos Tiúba;
- 2º Antônio Bispo Lisboa.
- 3º Agrippino Vieira de Mello.
- 4º Mauricio Feliz de Sant'Anna.

Suplentes:

- 1º Cherubino José de Moura.
- 2º Francisco Martins de Oliveira.
- 3º Thomaz Francisco de Souza.
- 4º Paulo José de Sant'Anna.

Por fim, o Adjunto ao promotor: Odilon Mendonça; e o escrivão: Octavio Aragão.

A Administração Policial é formada pelo Delegado: Francisco Vianna Barbosa.

- 1º suplente: José Mendonça Sobrinho.

- 2º Suplente: Geminiano Agrippino de Carvalho.

A instrução Pública é formada pelos professores

- D. Amália de Andrade Vieira
- D. M. Estella de Oliveira.
- D. Cecília Maria dos Passos.
- D. Maria Corcina de Vasconcellos.
- D. Maria Florentina de Sant'Anna.

Collectorias:

- Collector Federal: Theophilo de M. Barreto.
- Escrivão: Geminiano A. de Carvalho.
- Collector estadual: Erica Seraphim dos Santos.

Os correios são formados por:

- D. Francisca Tiúba Barreto;
- D. Elisa Rosa Simões.

Os representantes da Religião são, respectivamente:

- Vigário: Padre Euzebio Pires de Almeida (1900 á 1915).
- Vigário Constantino Leugreman (1916).
- Sacristão Candido Durval de Almeida

Representam o comércio local os Negociantes de Fazendas:

- Jose Joaquim Barbosa
- Francisco Vianna Barbosa
- Geminiano A Barbosa
- José Sotero de Menezes
- José Babosa Tiúba - Júlio Mendonça - Manoel Mendonça Barros.

Trabalham em Padarias:

- João Paulo dos Santos
- Francisco Vieira do Prado
- Antônio José Barbosa

São Negociantes de Molhados:

- Antônio José Barbosa
- Antônio Paes Barreto
- D. Antônia Rosa Simões;

- Delfino Pereira de Mello
- Francisco Gomes de Barros
- Francisco Martins de Oliveira
- João José Bonfim
- João Pereira de Andrade
- João Gomes do Prado - José Rosa de Sant'Anna - Luiz José da Silva
- D. Maria de Menezes Santos
- João Dias da Silva Barreto
- Antônio Dias Barreto
- João Pinto Monteiro
- Tidelino Cardoso Araújo
- Jovino Vieira de Mello
-

A indústria é formada por

- José Joaquim Barbosa (Engenho Aleccrim);
- Manoel Aguiar Mello (Engenho Unha do Gato);
- José Gomes Prado (Engenho Matta Verde);
- José Gomes Vieira de Mello (Engenho B. Verde);
- Manoel Machado de Aguiar (Engenho B. Verde);
- Pedro Vianna de Andrade (Engenho A. Verde);
- Manoel Cardoso Barreto (Engenho Jaguarique);
- Pedro Prado Vasconcellos (Engenho Paty)
- Fausto Gomes Barreto (Engenho Santa Maria);
- D. Clara M. Torres (Engenho Cahipú);
- Manoel Gomes (Engenho Santa Rita);
- Manoel José de Menezes Engenho (Araticú);
- Francisco Vieira Barreto (Engenho Piripiri);
- José Antônio Silva (Engenho Pedra); Manoel Roiz Lima (Engenho cancelo);
- José Mendonça Sobrinho (Engenho B. Alto);
- Delphino Pereira Mello (Engenho Mucambo);
- Antônio Nunes Barroso (Vazia);
- Antônio Bispo de Lisboa (Engenho Flor de Siriry);

- Domingos Soares de Mello (Engenho Faustino);
- José Francisco Porto (Engenho Cana Brava);
- Francisco R. Moura (Engenho Pau Ferro);
- José Moreira S. Macieira (Engenho São Francisco).

Profissões

Advogado:

- Erico S. dos Santos Ferreiro;
- Roberto Bispo dos Santos;
- Manoel Antônio dos Passos.

Machinista:

- Guilherme rocha; Barbeiro:
- Fausto Ribeiro de Mello;

Carpinteiro:

- Galdino Cardial de Souza;
- Manoel Thomé;
- José Antônio;
- Antônio Eduardo dos Santos;
- Paulino Santos;
- Manoel Laurentino;
- Pedro Banduna;
- José Guedes dos Santos;
- J. patrício; Pedro Marques.

Sapateiro:

- Francisco Baptista Sant'Anna;
- J. Euclides; José Salustiano de Sant'Anna.

Funileiro:

- José Guedes dos Santos.

Marceneiro:

- Manoel José Dias;
- José Motta Nunes;

Pedreiro

- Manoel Velho;
- Ernesto Pindoba;

- Luiz Quirino José Gomes dos Santos;
- Manoel Laurentino.

Lenha (exportador)

- Manoel Margarida;
- Tertuliano Santos.

Modista

- Balbina Santos Mello;
- Ernestina Santos;
- Esperança Caridade;
- Francisca T. Barreto;
- Jacobina Leite;
- Maria Santos;
- Maroca Barbosa;
- Nene Thombé - Sinole Vieira Sant'Anna.

Olaria:

- Antônio Nunes Barroso
- Francisco Telles Barreto; - José Joaquim Barbosa; - Secundino Vieira de Mello.

Parteiras:

- Joana Bertí;
- Juliana de Jesus;
- Filomena Santos;
- Maria Socorro; - Maria Victória
- Maria Gomes da Silva.

Padarias:

- Antônio José Barbosa;
- João Monteiro Pinto
- Pharmacia e Pharmaceutico;
- Francisco Tiúba;
- Pharmacia Minerva.
- Photografo:
- José Barbosa Tiúba Pintores:
- José M. Menezes;
- Manoel A. Oliveira.

- Redes (Fabricantes):

- Mario Lagôa.

Sapateiro

- Francisco Baptista Ema.

- Manoel M. Santos.

Serralheiro, armeiro e cutileiro:

- Manoel Vera Cruz

Tamancaria:

- Chico Ema.

Tanoaria:

- Paulino Santos.

Tipografia:

- Aguiar Barbosa

Fábrica de Vassoura

- Manoel Coletto.

Alfaiates:

- Antônio Bonfim

- José Francisco da Silva.

Armarinho e Fazenda:

- Francisco Vianna Barbosa

- José Sotero de Menezes

Barbeiros:

- Fausto Ribeiro de Mello;

- Manoel Alves de Oliveira

Botequins:

- José Francisco da Gama;

- Pedro Ramos.

- Thomaz Francisco de Souza

Cigarro, charuto e fumo (fabrica)

- D. Barreto;

- Manoel José

Colchoaria:

- Antônio Serenata

Dentista:

- Cicero Barreto

Fogueteiro e pyrotechicos:

- João Lapa;
- José M. de Souza
- Josino Pinto Monteiro

Guarda-livros:

- Agenor Barbosa

Vendedor de leite:

- João Jotís;
- Octavio Aragão;
- Theophilo Barreto.

Agricultor

- Antônio Bispo Lisboa;
- Custódio Francisco de Oliveira;
- Fausto gomes Barreto;
- Cel. João Machado de Aguiar Menezes;
- Cel. João Gomes do Prado;
- Dr. José Cupertino Dantas;
- José Moreira de S. Macieira;
- Manoel José Menezes;
- Cel. Manoel Cardoso Barreto;
- Cap. Pedro Vieira de Andrade;
- Cel. Vieira Barreto;
- Francisco R. de Moura Filho;
- José Joaquim Barbosa;
- José Antônio Passos;
- Luiz de Barros Monte Santos;
- Manoel de Mendonça Barros;
- D. Maria Francisca do Espirito Santos;
- Sergio Francisco Vianna;

- Manoel de Aguiar Mello;
- Pedro Padro de Vasconcellos;
- João Gomes Vieira de Mello;
- José Francisco Porto.

Criadores

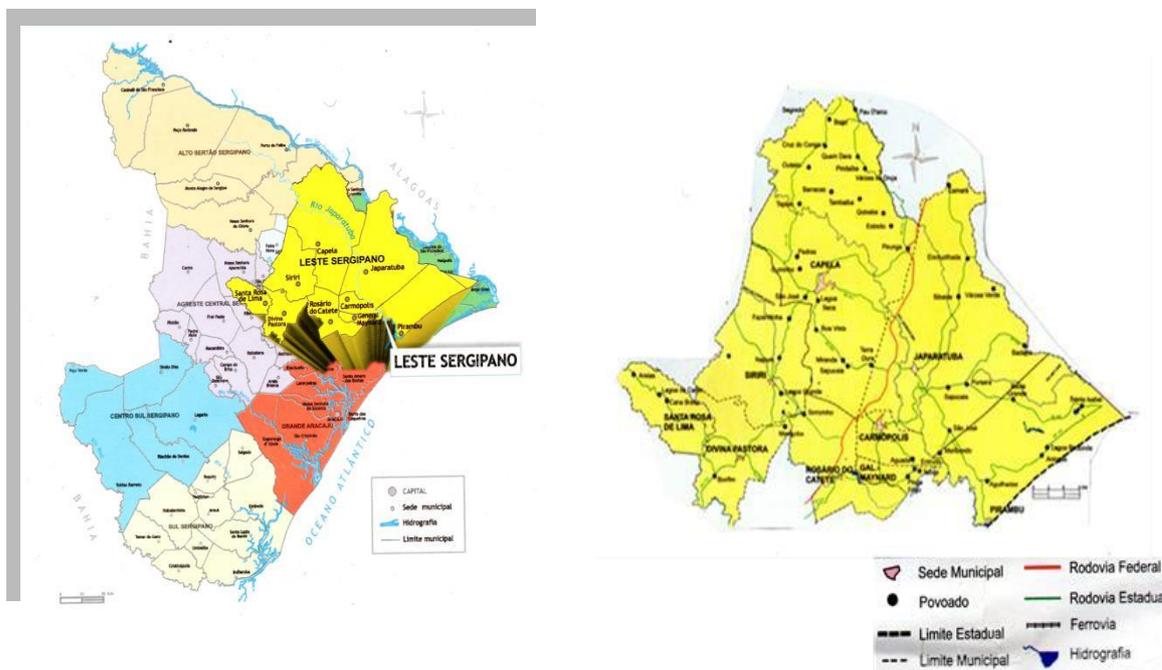
- Antônio Paes Barreto
- Catulino de Mello Prado
- José Joaquim Barbosa; - José Mendonça;
- Theophilo Barreto;
- Erico dos Santos;
- Francisco Vieira Barreto;João Gomes do Prado;
- Mauricio F. de Sant'Anna;
- Jesuíno Pinto Monteiro;
- Manoel Cardoso Barreto;
- Alexandre J. Santos;
- Antônio Nunes Barreto;
- Antônio Bispo de Lisboa;
- Francisco Telles de Menezes;
- Joaquim Aragão;
- Manoel j. de Menezes;
- Sergio Vianna.

5.4 TERRITÓRIO DE SIRIRI

A cidade de Siriri, localizada em um planalto denominado Tabuleiro, no Mesorregião o leste sergipano e microrregião do vale do Cotinguiba, distante 34 Km da capital Aracaju, sua área é 165 km², com densidade populacional de 48 habitantes por quilômetros quadrados (Km²). Tem altitude de 82 metros acima do nível do mar e seu clima é tropical chuvoso, contendo em si uma fauna e flora por esta situação entre a caatinga e mata atlântica, constituindo parte de sua vegetação a especial Mata do Cipó (entre Siriri e Capela), que atualmente faz parte de uma Unidade de conservação (UC) gerida pelo Governo do Estado (ASCOM/SEMARH,2017).

Nas figuras a baixo estão o mapa de Sergipe e da região leste do estado onde se situa a cidade de Siriri.

Figura 5 - Mapa do estado de Sergipe e Mapa do leste Sergipano



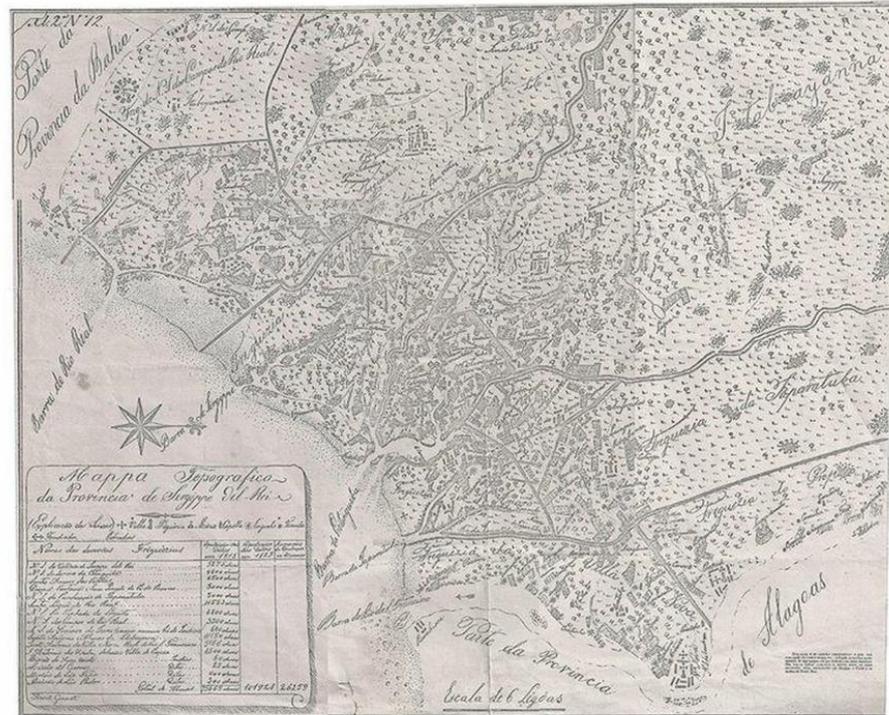
Fonte: GIGEC/UPES/SEPLAN 2008

Figura 6. Mapa do estado de Sergipe, com destaque para a cidade de Siriri.



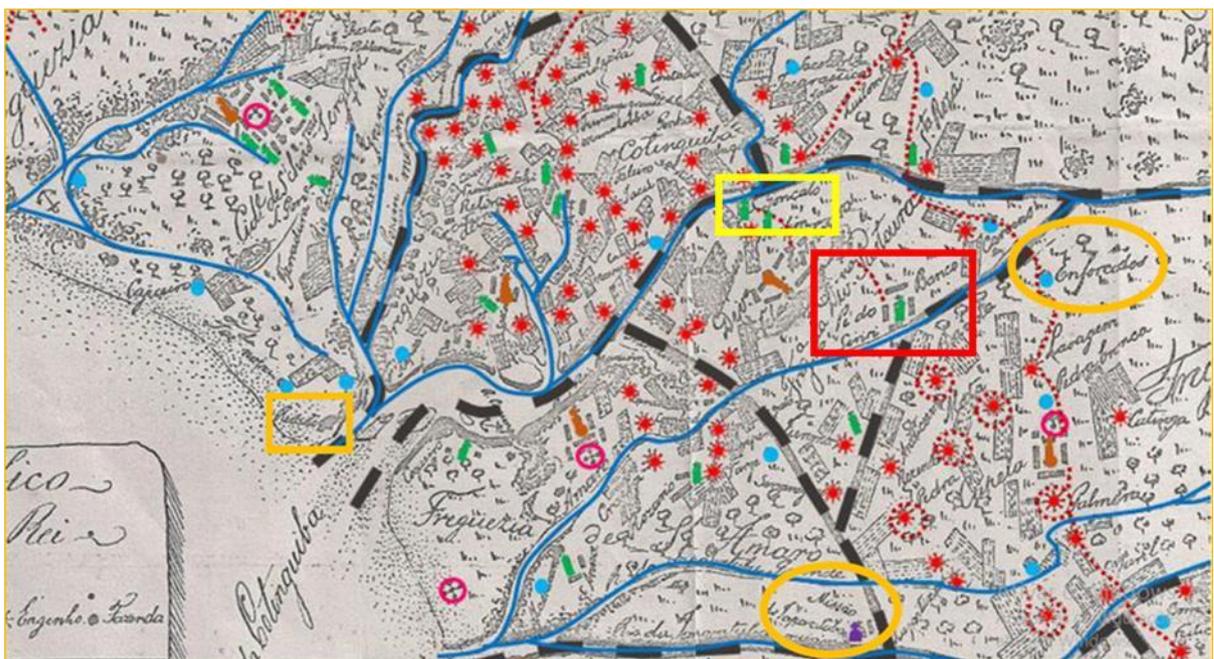
Fonte: Wikipedia (2023)

Figura 7 - Mapa de Siriri



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 8 - Mapa antigo de Siriri



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

5.4 HISTÓRIA DE SIRIRI

A denominação Siriri foi herdada do termo indígena de origem Tupy, Siriry, glorificado o Rio dos Siriris (Ciri-ry); bem como pode ser homenagem ao Cacique Siriry, que junto com seu irmão Japarutuba, lutaram contra os conquistadores em 1590. Seus habitantes receberam o gentílico de Siririenses, e os primeiros “filhos da terra” foram os indígenas procedentes da aldeia de Japarutuba, que se fixaram no lugar chamado Remanso, perto de um cruzeiro onde foi celebrada a primeira missa e atualmente é a Praça Jackson de Figueiredo (Souza, 1992).

De acordo com a pesquisadora Ricardina Oliveira Souza, em seu livro “Remanso”, Portal da História: A fascinante história da cidade de Siriri e seus belíssimos episódio”, a tribo dos Siriris, levada por seus espírito nômades e pelo desenvolvimento do lugar após o contato com os europeus, mudou-se e não se sabe do seu paradeiro. Assim, o Remanso tranquilo às margens do rio, orlada de mato e fechado por todos os lados com apenas uma entrada, acomodava a taba desses índios; e mais tardes os próximos remansenses construíram suas primeiras casas originando a cidade de Siriri, banhada pelo encontro do rio

Siriri com o Riacho Pé do Banco, que formavam o poço Cobocó, onde as mulheres do povoado costumavam lavar suas roupas sentadas em bancos, fato que deu origem ao primeiro nome do município: Freguesia do Pé do Banco.

Em 1637, na época da invasão dos holandeses, Sergipe já contava com 400 currais, distribuídos, entre eles estava o e Camarão, Localizado na Vila Pé do Banco, entre o rio Siriri e Ganhamoroba (Passos, 2002). Levada à categoria de Freguesia em 1700, no centro da cidade foi assentada a Igreja Matriz Maria, Jesus e José e São Gonçalo. “A paróquia media cerca de dez metros de comprimentos e quatro de larguras, habitavam dois mil brancos, dois mil pretos e três mil e quintos de diversas misturas, sendo um total de 7,500 habitantes, que trabalhavam na lavoura da cana”. Mais tarde foi conhecida como Povoado de Jesus, Maria e José do Pé do Banco (SOUZA, 1992).

Por volta de 1811 foi criada a Vila de Japarutuba, desmembrada de Pé do Banco, cujos limites seriam pelo Rio Siriri até Piranhas, no Engenho Padre João Gomes de Melo, e daí seguiu pela Serra Negras até chegar à estrada Real de Maruim, ficando os engenhos das Juremas e Serra Negra para freguesia do Pé do Banco. E assim, em 26 de março de 1874 o município de Siriri foi criado com sede no antigo povoado Jesus, Maria e José do Pé do Banco, desmembrado do território de Divina Pastora (PASSOS, 2020).

De acordo com a pesquisadora Ricardina O. Souza, na metade do século XX

existiam 14 engenhos de cana-de-açúcar em Siriri. “Todos eles foram extintos. Como essa era a principal atividade econômica, o município que antes era rico ficou pobre e decadente. Só em 1964, quando o petróleo foi descoberto no subsolo de Siriri, que a situação melhorou, mas mesmo assim não voltou a ser como antes” (SOUZA, 1992). Ainda hoje a principal renda do município continua vindo do petróleo (PASSOS, 2020).

Esses 14 engenhos de Siriri, distribuídos entre os sete povoados até o século XX, atualmente se encontram em ruínas. Muitos deles foram saqueados pelos próprios moradores dos povoados, a depredação do patrimônio sendo a expressão do não reconhecimento dessas estruturas como representatividade da memória e história por parte da população, influenciadas pela falta de oportunidade de trabalho na região, que os levaram a comercializar o que os ricos haviam abandonados. Durante a elaboração desta pesquisa foram encontrados registros da cidade de Siriri, que mostram como era a sua arquitetura no ano de 1933, quando ainda era conhecida como villa de Siriry, como exposto nas figuras abaixo.

Figura 9 -Praça do comércio



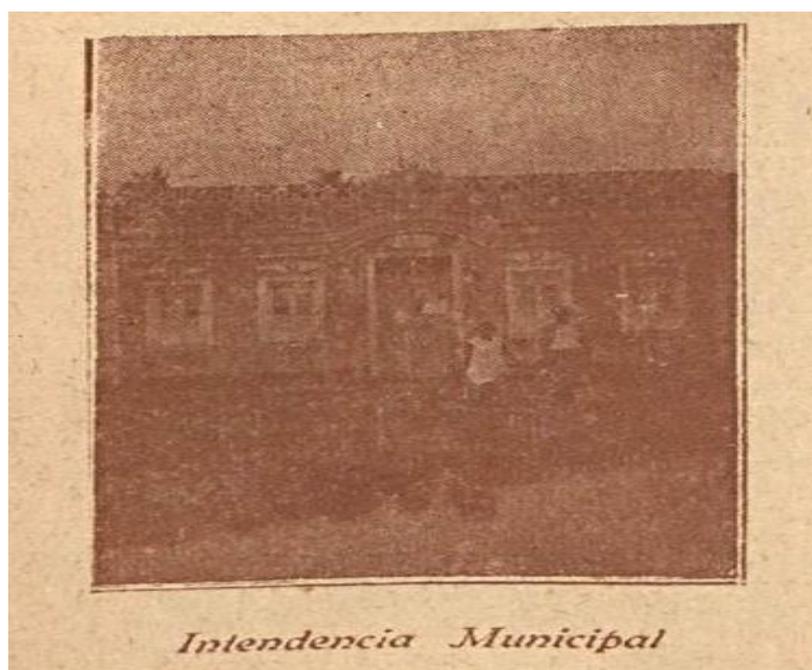
Fonte: Biblioteca Nacional Digital, Cadastro: Comercial, Industrial, Agrícola, e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, p 85

Figura 10- Rua de Maroim.



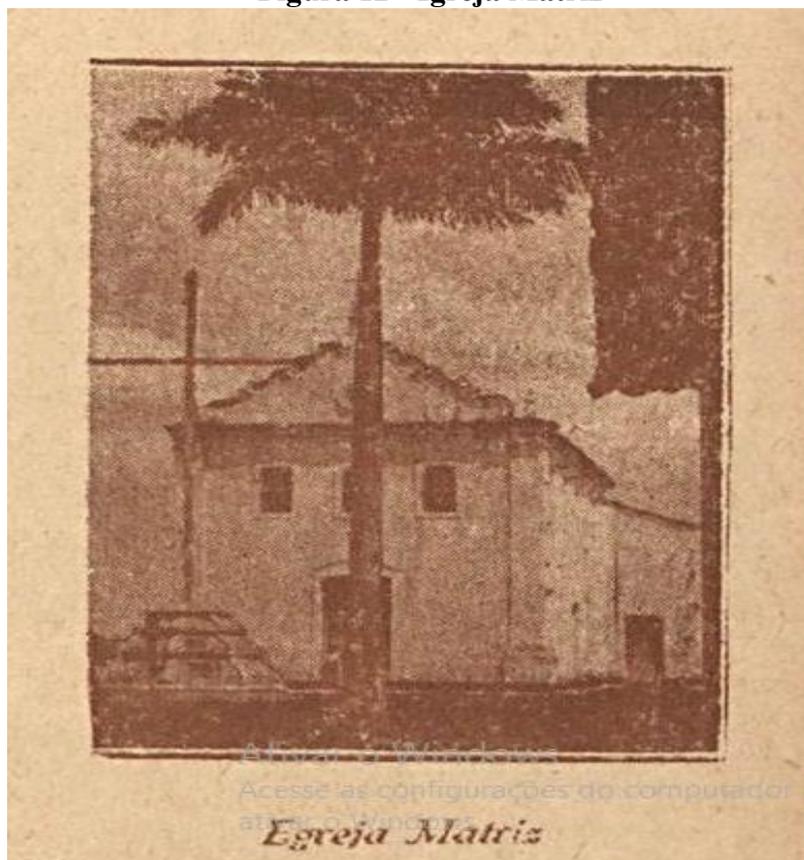
Digital Fonte: Biblioteca Nacional Digital, Cadastro: Comercial, Industrial, Agrícola, e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, p 86

Figura 11- Mercado municipal



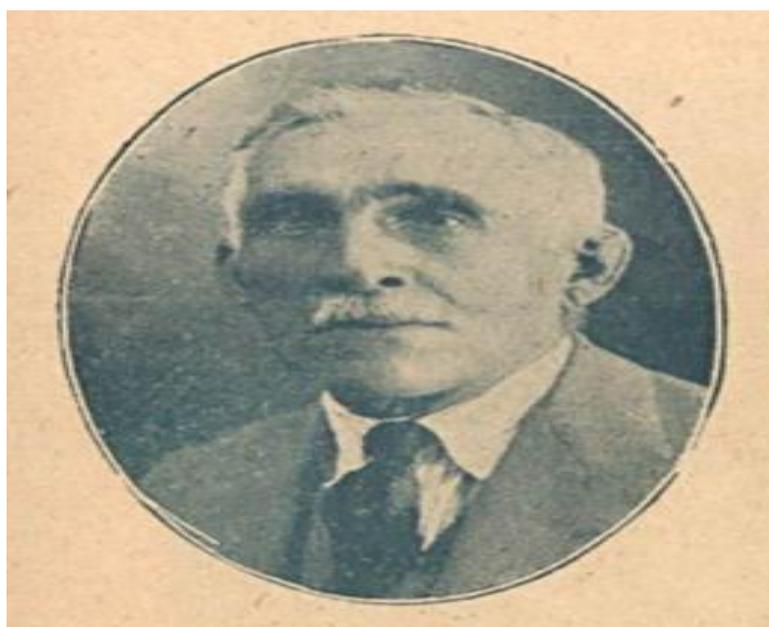
Fonte: Biblioteca Nacional Digital, Cadastro: Comercial, Industrial, Agrícola, e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, p 86

Figura 12 - Igreja Matriz



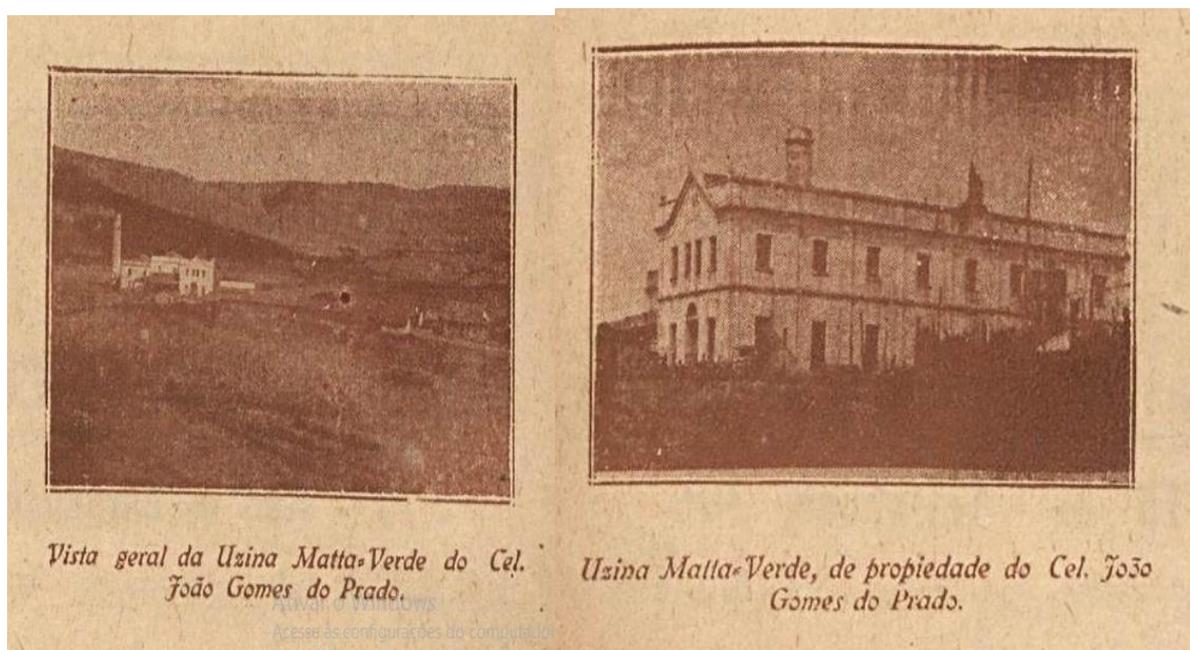
Fonte: Biblioteca Nacional Digital, Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola, e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, p 87

Figura 13 - João Gomes do Prado.



Fonte: Biblioteca Nacional Digital, Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola, e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, p 87.

Figura 14 – Visão geral da Usina Matta Verde do Cel. Joao Gomes do Prado



Fonte: Biblioteca Nacional Digital, Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola, e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, p 87.

Figura 15 – Parteira Maria Gomes da Silva



Fonte: Biblioteca Nacional Digital, Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola, e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, p 88.

5.5 ENGENHOS, USINAS, FAZENDAS E ROÇAS EM SIRIRI-SE

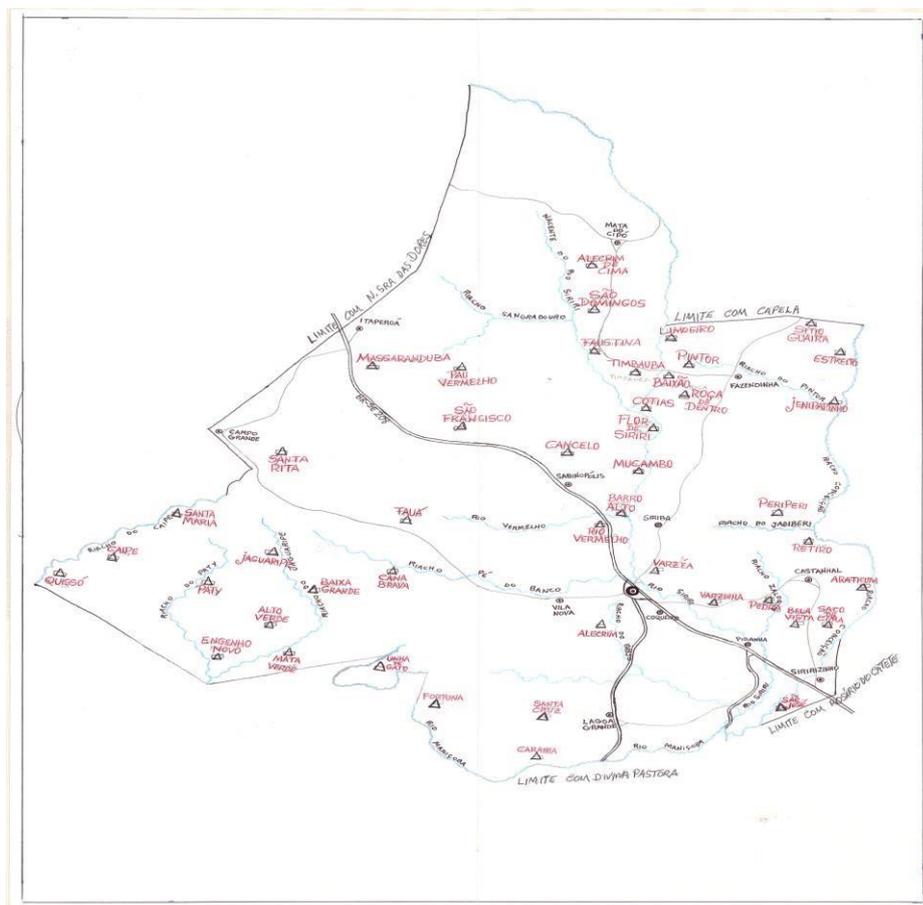
Engenhos, usinas, fazendas, sítios e roças produtoras de cana-de-açúcar, mandioca, milhos e criação de gados de Siriri desde 1800.

- Engenho Alecrim de Cima; Dr. José Barbosa Sobrinho (1931).
- Usina São Domingos; Joaquim Soares Mello (1931).
- Engenho Limoeiro;
- Engenho Faustino; Domingos Soares de Mello (1914 a 1922).
- Joaquim Soares de Mello (1930)
- Engenho Guáira;
- Engenho Timbaúba;
- Engenho Baixão;
- Engenho Estreito;
- Engenho Rio de Dentro; Francisco Andrade (1931).
- Engenho Cotia;
- Engenho Jenipapinho;
- Engenho Flor-de-Siriry;
- Antônio Bispo de Lisboa (1914 a 1922)
- Alfredo Vieira Machado (1931).
- Engenho Massaranduba;
- Engenho Pau-ferro; Francisco R. Moura (1914 a 1922),
- Manoel Rocio de Moura (1931).
- Engenho São Francisco;
- José Moreira S. Macieira (1914 a 1922).
- Engenho Canello;
- Manoel Roiz Lima (1914, 1922).
- Engenho Mucambo;
- Delphino Pereira Mello (1914 a 1922)
- Alexandre Baptista de Oliveira (1931).
- Engenho Santa Rita;
- Manoel José de Góes (1914 a 1922),
- Herdeiros (1931).
- Engenho Tauá;

- Engenho Barro Alto;
- José Mendonça Sobrinho (1914 a 1922).
- Engenho Rio Vermelho;
- Engenho Piripiri;
- Francisco Vieira Barreto (1914, 1918, 1922),
- Saleiro Ribeiro e Barretto Irmãos (1931).
- Engenho Retiro
- Usina Vazéa; Antônio Nunes Barroso (1916 a 1922).
- Engenho Varzinha;
- Antônio Nunes Barroso (1931).
- Engenho Araticum;
- Manoel J. de Menezes (1914,1922),
- Francisco V. de Mello e Filhos (1931).
- Engenho Belo Verde; Manoel machado de Aguiar (1914 a 1922).
- Engenho Saco de Cima;
- Usina Santa Maria;
- Fausto Gomes Barreto (1914 a 1922)
- Durval Barreto & Cia (1931).
- Usina Jaguaripe; Affonso Mello do Prado (1931).
- Engenho Cana Brava;
- José Francisco Porto (1914 a 1922)
- Jesuino Pinto Monteiro (1931).
- Engenho Cahypé;
- José Cardoso Oliveira (1931).
- Engenho Paty;
- Pedro Vasconcello Prado (1914 a 1930).
- Engenho Baixa Grande;
- Engenho Alto Verde;
- Pedro V. de Andrade (1914 a 1922)
- Bráulio P. Menezes (1931).
- Engenho Quissó;
- Engenho Novo;

- Engenho Unha do Gato;
- Manoel Aguiar Mello (1914 a 1922).
- Engenho Alecrim;
- José Joaquim Barbosa (1914 a 1922).
- Usina Matta Verde;
- José Gomes do Prado (1914 a 1931).
- Engenho Fortuna;
- Flavio Prado (1931)
- Engenho Santa cruz;
- Engenho Caraíba;
- Engenho São José;
- Engenho Pedra.
- José Antônio da Silva (1914 a 1922).
- Usina Jerusalém;
- Dr. José Barbosa Sobrinho (1931).
- Engenho Camello;
- Jason Mendonça (1931).
- Engenho Guanabara;
- José Mendonça Sobrinho (1931).
- Engenho Cahipú;
- D. Clara M. Torres (1914 a 1922).
- Engenho Jaguarigue;
- Manoel Cardoso Barreto (1914).
- Usina Tijuca; Pedro Bastos Freire (1931)

Figura 16 - Mapa Industrial e Agrícola de Siriri/SE Colonial.



Fonte: Maxson, 2018.

5.6 ENGENHO PIRIPIRI

Localizado no povoado castanhal, o engenho Piripiri foi uma indústria de produção de melão nos séculos XIX e XX. Grande responsável pela economia do povoado e região, principalmente moradores da cidade de Capela, o engenho é cercado de mistérios e segredos guardados por antigos funcionários. Na figura 16, está algumas imagens deste engenho. Já a Figura 17 mostra o croqui deste mesmo ambiente.

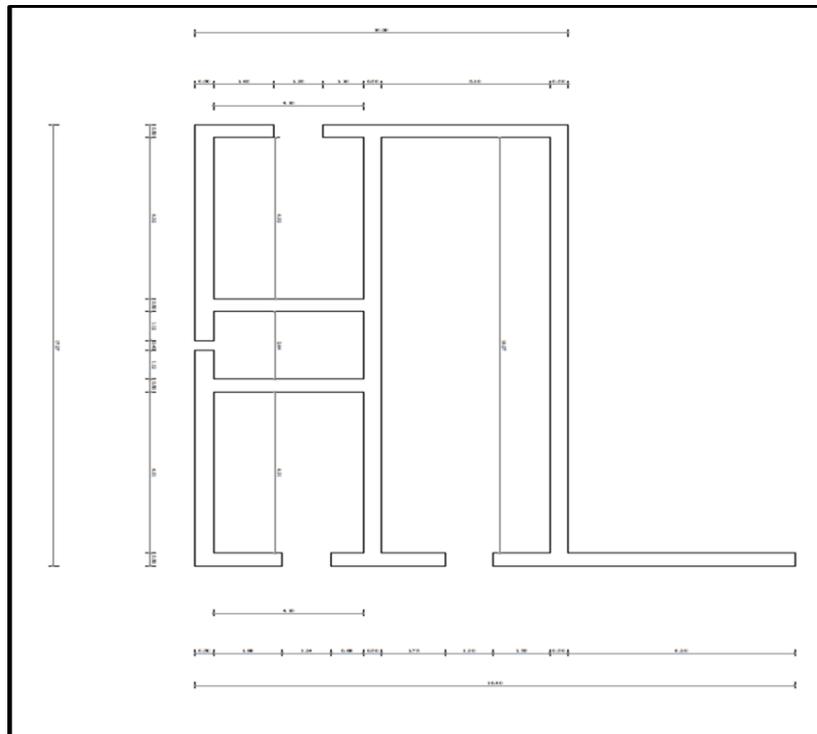
Figura 17. Engenho Piriri

ENGENHO PIRIPIRI



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 18 - Croqui do engenho piripiri



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Hoje, bem vivo o senhor Juca de 90 anos, nos conta que os tempos eram difíceis mesmo sendo o capataz da fazenda, era morador da casa ao fundo da casa-grande, o qual contou que

ajudou a construir e criar seus filhos na mesma. Relatando que o antigo dono o senhor Clodoaldo era um grande homem e que vivia sempre preocupado com toda questão social do povoado Castanhal.

Além de nunca querer se desfazer da fazenda o Saudoso Clodoaldo preocupado como as questões do povoado ajudou a construir uma escola que hoje leva seu nome Clodoaldo Silva, construída no final da década de 50, ainda é a única escola existente no povoado. Com a finalidade do ensino fundamental a escola é o grande responsável pela formação das crianças nesse local.

Nos contou o senhor Arlindo hoje com 86 anos que a produção de cana-de-açúcar foi encerrada na década de 60 dando lugar a produção de pasto devido à crise da época na produção e venda do melaço pelo engenho. Sem entender muito do que ocorria na época o Sr. Arlindo comentava que o local sempre mudava a produção, a fazenda produzia algum tipo de agricultura, tempos eram cana outros momentos eram pastos de capim, sempre tinha serviços para os moradores da região.

Relembra o Sr. Antônio (85 anos), que os donos do engenho moravam na cidade de Capela e que pouco se falava do que o Piripiri representou no passado, o local era muito estranho cheio de mistério, cita que o primeiro piso não tinha divisórias eram um salão cumprido, e os quartos no terreio não tinham passagem, o engenho na verdade ficava na frente, onde hoje é ruínas usavam para guardar materiais e ferramentas, ao lado tinha um estabulo e mais embaixo fica o engenho junto com mais ou menos duas ou três casas.

Relata ainda que no seu lado esquerdo do engenho tinha um tronco, que segundo os mais velhos era uma local de aplicar castigos severos, servia também para enforcar os cometiam crimes mais graves ou mesmo quem fosse contra as ordens impostas aos regimes da escravidão. É possível verificar nos anexos desta pesquisa, algumas imagens do engenho, que mostram o a senzala, a sela de confinamento dos escravos e as demais localidades.

O Sr. Vardo 39 anos, filho do senhor Juca, hoje é quem toma conta da fazenda, contou quando criança brincava no loco e chegou a ver um porão, grandes tachos de ferro e estanho nos fundos da casa-grande, corrente e troncos de escravos e que todo material provavelmente foi saqueado e vendido a ferro velho do local.

Hoje a fazenda está arrendada para o plantio cana-de-açúcar e criação de gado como no passado, mais as ruínas da antiga Igrejinha e o engenho estão presentes. A Igrejinha está coberta

pela vegetação e cercada pela cana-de-açúcar e o engenho casa-grande em ruínas mais presentes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, foi possível observar que as memórias e culturas da população da cidade de Siriri/SE não estão sendo preservadas. No que se refere à preocupação das novas gerações com a perda das memórias e da cultura do seu povo, evidenciou-se através dos relatos sobre o engenho de Piripiri feitos pelos anciões, que estes valorizaram e tentam manter a herança cultural advinda da localidade, prova disso é a escola e a permanência em fazendas que eles trabalhavam quando mais jovens. Entretanto, pouco se sabe sobre esse engenho e sua história.

Além disso verificou-se que os engenhos não estão sendo conservados, como foi relatado pelos moradores. Constatando assim as principais transformações sócio-histórico e arqueológicas ocorridas na cidade de Siriri/SE, a partir da instalação dos engenhos e com o passar do tempo estes se transformaram em ruínas devido ao abandono, bem como as áreas adjuntas que tomadas por mato e atualmente estão desmoronando-se.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. A. Sobre a memória das cidades: geografia I serie. **Porto: Revista da Faculdade de Letras**, vol XIV, 1998, pp 77-97.
- BARROS, J. A. História e memória – Uma relação na confluência entre tempo e espaço. **MOUSEION**, vol. 3, n.5, 2009.
- COSTAS, A. A.; FARIAS, P. S. C. **Formação Territorial do Brasil: a ocupação do Sertão nordestino e da Amazônia**. 21ª ed.. Campina Grande: EdUEP, 2009, 24 p.
- DANTAS, P. B. S. **Pelos caminhos d'águas, pelas rugosidades da terra: a construção territorial de Sergipe D'el Rey**. 2019. 312 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) –Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019. Disponível em:<http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/6452>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- DELEUZE, G.. F. **São Paulo Brasiliense**. Rev. Renato Janine Ribeiro, 1988. (Trad. Claudia Sant'Anna Martins).
- ETCHEVARNE, CARLOS. A ocupação humana do Nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa. *Revista Usp*, n. 44, p. 112-141, 1999.
- FERNANDES, K. R.; ZANELLI, J. C. O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 10, n. 1, p. 55-72, 2006.
- FIGUEIREDO, A. **Enforcados: o Índio em Sergipe**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- FILHO, M. S. M. **Afirmção da memória como direito fundamental**. 2013. 260F. Tese (Doutor em Direito) - Universidade de Brasília, Faculdade de Direito do Programa De PósGraduação, Brasília, 2013.
- MCDOWELL, L. **A transformação da geografia cultural**. In: GREGORY, D. et al. (Org.) *Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. p, 15.
- MERLO, F.; KORAND, G. V. R. Documento, história e memória: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à informação. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 20, n. 1, p. 26 - 42, 2015.
- SÁ, C.P. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 20, n. 2, p. 290-295, 2007.
- SOUZA, R. O. **Remanso**, Gráfica J. Andrade. 1992.

ANEXOS















1838



1950

1942



